

28 FEV 1990

SAÍDA PARA A CRISE

GLOBO

26 FEV 1990

Econ - Brasil

É indispensável modernizar

MÁRIO SÉRGIO FREITAS DE ARAÚJO

O Brasil precisa de um choque. Um choque de modernidade, que coloque o País dentro da rota da História, com a retomada do crescimento econômico. E isso só poderá ser feito com o Estado reduzindo sua presença na economia, contendo-se em suas funções básicas. E é nossa esperança para o próximo Governo, que precisa mudar este país.

O Estado deve se limitar a controlar o que lhe compete, que é a emissão de moeda e as despesas públicas. A área de saúde está totalmente abandonada, assim como a educação e a área de transporte. E não há investimentos em telecomunicação: o setor está completamente paralisado. O que podemos esperar então de uma concentração ainda maior de atribuições em um Estado que não consegue cumprir suas obrigações essenciais?

O setor de energia elétrica, tão fundamental, convive com um passivo financeiro que não tem condições de reciclar. Já temos concessionárias de energia elétrica no Nordeste que não fazem mais nem manutenção em suas linhas. Conseqüentemente, todas as indústrias da região estão andando sobre o fio de uma navalha, podendo parar a qualquer instante. O futuro Governo terá de equacionar estes problemas que são prioritários, pois sem energia elétrica, comunicações, transporte etc. haverá literalmente um colapso, paralisando o setor privado. Especificamente no caso da energia, autogerção ou cogeração por empresas privadas, que venderiam o excedente para concessionárias, seria uma possível solução.

Na verdade, o Estado brasileiro não tem poupança, está convivendo com uma dívida muito alta e que aumenta cada vez mais. Setenta por cento da dívida externa brasileira são do Estado.

O setor privado vem pagando suas dívidas e o Banco Central não vem remetendo para o exterior estes recursos. O País está com um estouro no caixa pegando este dinheiro para cobrir um déficit crescente, impedindo inclusive o acesso do setor privado às linhas de longo prazo nas operações de **relending**.

Programas econômicos de emergência, que sejam apenas "cosméticos", não combatendo as causas e apenas as consequências, não levaram o País a lugar algum. O que é necessário é uma readequação do tamanho do Estado que deve reconhecer a impossibilidade de atuar como no passado na condição de locomotiva do desenvolvimento. Este ponto tem que ser acertado em 1990, para que a partir de 1991 possamos retomar o crescimento. Inicialmente, minha estimativa é que o Brasil volte a crescer de dois a cinco por cento nos próximos dois anos e posteriormente atingir a casa dos nove aos dez por cento ao ano. Sempre com uma injecção de confiança e modernidade, pois a onda que varre o Mundo é de globalização dos mercados.

O setor da construção civil tem todas as condições técnicas e está preparado para voltar a crescer. Temos consciência de que quando estamos fazendo aplicações financeiras hoje estamos depreciando os ativos da empresa. O que existe é uma tentativa de proteger os recursos em tempo de inflação aguda e que não estão sendo protegidos adequadamente devido aos problemas que vivemos.

Um grande problema é que hoje a indústria de construção civil pesada se transformou compulsoriamente em banqueiro do Governo, pois este não cumpre os compromissos e enfraquece os seus parceiros. Em 1989, as empresas se dedicaram mais à atividade de receber do Governo e saquear o capital de giro do que a cres-

cer ou investir. Para citar o exemplo da Lix da Cunha, o setor público, que já representou 55 por cento de sua carteira, hoje desceu para pouco mais de 20 por cento. Só neste ano, o setor de construção como um todo deve ter demitido de 200 a 300 mil funcionários, tentando se readequar e deflagrando uma ofensiva buscando obras no exterior.

No setor habitacional, não há solução a curto prazo. Ele não se viabiliza sem o financiamento, impossível nestes tempos de alta inflação. Nos EUA, uma pessoa com mais de seis meses de registro no emprego pode comprar sua casa em 30 anos. Como pensar isso no Brasil de hoje? Esta é uma questão a ser muito bem pensada pelo próximo Governo, mas não há uma saída a curto prazo, pois até os recursos das cadernetas são absorvidos pelo Tesouro para equilibrar o seu caixa.

Já o setor industrial, este tem todas as condições para se reerguer e vai deflagrar novos investimentos tão logo o quadro de incertezas se levante, com a implantação de um programa de estabilização que gere credibilidade. Acreditó que o Brasil possa rapidamente voltar a crescer, tão logo seja feito o saneamento necessário. Para isso, precisamos de abertura, com a troca do excesso de intervencionismo pelo funcionamento mais livre dos mercados. Temos mesmo que nos modernizar, propiciando a internacionalização dos processos de produção e avançando em direção ao mundo dos serviços e da alta tecnologia. Até o Leste europeu começa a acreditar na capacidade da livre iniciativa de resolver conflitos e promover o desenvolvimento econômico. Até quando insistiremos em pedalar na contramão da História?

Mário Sérgio Freitas de Araújo é economista e Diretor da Construtora Lix da Cunha.